

## PERFIL

Ana Branco



**ITIBERÊ ZWARG**  
no espaço  
Maracatu Brasil:  
nas oficinas que  
comanda, nas  
peladas e nos  
discos, a  
afirmação da  
identidade  
pelo grupo

# Itiberê, o solista da coletividade

Aos 62 anos, discípulo de Hermeto Pascoal e criador de sua própria orquestra, maestro reafirma em novo grupo e disco sua filosofia de vida e arte, baseada nas relações

Leonardo Lichote

llichote@oglobo.com.br

**A**os 62 anos, Itiberê Zwarg nada quatro vezes por semana na Praia de Copacabana. O esporte é um raro espaço de solidão na vida do maestro. Mesmo assim, Itiberê não fala dele como momento de estar só.

— É um contato com o mar — define. — Você sai dali bem para fazer as coisas da alma.

“Contato” e “coisas da alma” — dois pontos centrais da música de Itiberê. Contato é seu *modus operandi*. É bastante ilustrativo que sua carreira “solo” tenha se iniciado à frente de uma formação de 30 músicos, num grupo que carregava a ideia de família no nome — Itiberê Orquestra Família, que estreou em 2001, no CD “Pedra do Espia”, saudada como um sopro de renovação na música instrumental brasileira. Da mesma forma, não é por acaso que suas oficinas na Pro-Arte e, agora, na Maracatu Brasil se tornaram um espaço de liberdade de criação celebrado — e disputado — ao longo da última década, sobretudo por jovens instrumentistas. E que seu recém-lançado CD “Identidade” (Delira Música), o primeiro com o octeto Itiberê Zwarg & Grupo, marque sua personalidade a partir de músicas dedicadas a pessoas e situações determinantes

em sua trajetória. Música para Itiberê, portanto, é relação — o que fica evidente quando ele fala sobre o papel de um solista:

— O meu conceito de solo é diferente do do jazz. A cozinha (*músicos que sustentam a base da banda*) não está lá para fazer groove para o solista. Ela costura o solo com ele, todos improvisam juntos. O solista universal (*discípulo de Hermeto Pascoal e baixista de sua banda há 30 anos, Itiberê segue o conceito de “música universal” criado pelo mestre*) está tocando e ouvindo ao mesmo tempo. Ouvir é fundamental. Desenvolvi essa antena em bailes, como músico da noite, tocando com gente como Laércio de Freitas e Tenório Jr.

Peladeiro regular, Itiberê transporta para o campo a filosofia que aplica à música. E usa o esporte para falar da arte:

— Jogo como toco música — diz, sem esconder um certo orgulho e acrescentando que, como na música, divide espaço “com moleques de 20 e poucos” — A individualidade sai do coletivo, e não o contrário. O Barcelona de hoje ou times históricos do Flamengo, do Santos, do Botafogo eram assim. Todos jogavam para o time, e a individualidade se sobressaía naturalmente. Você vê o Hermeto, por exemplo. É o cara mais coletivo que conheço. E isso não impede que ele seja o Hermeto.

O mestre albino o conheceu

em São Paulo — Itiberê é da capital, mas foi criado no interior, em Itanhaém.

— Fui gravar um negócio lá e meu baixista não pôde ir — lembra Hermeto. — Aí, me sugeriram o Itiberê, conversamos um pouco, ele sentou ao piano, já deu para perceber a concepção harmônica dele. Vi que ele era bom. Hoje, tenho poucos adjetivos para falar dele. É especial, tudo o que quiser fazer na música, ele consegue. Deus o deixou aqui numa noite de lua cheia e disse: “Vai, a música é teu caminho.”

## Ensaios diários por 12 anos

Itiberê recorda, rindo, o mesmo dia do primeiro encontro:

— Sentei-me ao piano para me mostrar para ele. E ele sabia. Deu certo. Algum tempo depois, Hermeto precisou de um novo baixista em definitivo. Convidado, Itiberê largou tudo o que estava fazendo (bailes, o trabalho como músico de estúdio), uma situação financeira estável, para seguir algo maior. As tais “coisas da alma” às quais ele se referia ao falar da natação.

— Vim para não olhar para trás. Entro de cabeça em tudo o que faço, nunca pela metade.

A filha, Mariana Zwarg — ela e seu irmão Ajurinã, frutos do casamento de Itiberê com Helena Cândida, tocavam com o pai na extinta Itiberê Orquestra Família e hoje seguem no Itiberê Zwarg & Grupo — confirma que as prioridades do maestro sempre foram bem marcadas.

— Desde que comecei a entender o que ele falava, tenho a

lembrança de ouvi-lo ensinando a mim e ao meu irmão que devemos seguir o coração, persistir, nunca pôr o dinheiro na frente — diz Mariana. — Lembro que pedíamos para comprar algo e ele falava que não dava. E explicava: “Seu pai está plantando uma coisa muito importante.”

Com esse espírito, Itiberê veio para o Rio, para a mítica casa em Jabour, na Zona Oeste, onde Hermeto morava. Ali, pôde entrar de cabeça em algo e pôr à prova a persistência que ensinava em casa. Com apenas três dias para aprender as músicas antes de fazer seu primeiro show com a banda, Itiberê virou noites. Depois, mergulhou na escola hermetiana, numa inacreditável rotina de ensaios diários, das 14h às 20h, entre 1981 e 1993.

— Graças a esse tempo consegui me preparar para meu trabalho solo — avalia Itiberê.

Foi Hermeto quem o avisou, em 1998, que ele estava pronto para tocar um projeto próprio. Sem saber ao certo o que fazer, decidiu montar sua oficina de música universal. Composto ao vivo — método que segue até hoje — com um grupo de jovens músicos, completamente envolvidos com sua proposta, Itiberê plantava sem saber as sementes da Itiberê Orquestra Família.

— Nessa época, tive uma experiência péssima com uma *big band* que montei para um trabalho em São Paulo — conta Itiberê — Eram músicos que tocavam só com partitura. Apertavam as chaves do instrumento e sopravam. Isso para mim não é tocar.

Pensei que tinha do meu lado aqueles músicos novos nas oficinas e perguntei a eles: “Vocês querem ser meus colegas?” Aí montei a Orquestra Família.

A relação de Itiberê com a música — e a vida, afinal ele não estabelece fronteiras entre uma e outra — se mostra claramente na forma como vê as músicas:

— Leitura não é música — define. — Quando eu era criança, meu pai (*o compositor Antônio Bruno Zwarg*) me pôs para estudar piano, e o professor queria me ensinar aquelas bolinhas. E eu queria tocar. Não sou contra a partitura, mas ela é apenas um registro, uma fotografia. Ninguém que toca comigo decora improviso.

## ‘Personalidade forte e generosa’

O fim da Itiberê Orquestra Família traz a marca de suas convicções. O maestro alega que alguns integrantes, quando começaram a tocar em outros projetos, passaram a trazer influências para o grupo estranhas às diretrizes traçadas por ele. A incompatibilidade gerou o racha (“Eu vou para cá, quem não quiser vir junto não vem”). Questionado se vê em sua postura traços de autoritarismo, Itiberê diz com segurança que não.

— A música é minha religião, meu contato com Deus — afirma o maestro, cuja teologia se afina com o espiritismo. — Tomo conta dela como um zelador: “Quer entrar? O que quer aqui?”

A violoncelista Maria Clara Valle, uma das dissidentes, se refere à separação como natu-

ral, “um ciclo que acabou quando vários músicos, que começaram ali muito jovens, passaram a ter outros anseios”. A ruptura não deixou mágoas (“Todos mantêm relações com ele”).

— Itiberê tem personalidade forte, mas é de uma generosidade absurda — diz Maria Clara. — Houve um período em que estive muito doente e ele me acolheu em sua casa. Um dia, eu estava passando muito mal, com a cabeça confusa, e ele falou: “Vamos tocar.” Ficamos das 22h às 3h da manhã, e ele compôs a música “Choro da Maria”. Aquilo me ajudou muito.

A sensibilidade — musical e humana, novamente sem diferenças — é um traço de Itiberê destacado também por sua namorada, a psicóloga e escritora Maria Tereza Maldonado:

— Conheci-o como aluna. Foi impactante vê-lo compor ao vivo para todos os instrumentos, dentro da capacidade de cada músico. É uma enorme habilidade de escuta — conta Maria Tereza, que aponta essa sensibilidade também em gestos do cotidiano. — Jantamos sempre à luz de velas, preparamos juntos nossa comida, com um requinte estético. Ele valoriza esses pequenos prazeres sensoriais, o contato com a natureza. Aprendi com ele a diferenciar o canto dos pássaros.

Itiberê fala da relação com Maria Tereza com uma frase que poderia defini-lo — ao unir lúdico e sofisticado, sabedoria e vigor.

— Parecemos garotos — diz, antes de fazer uma pausa e sorrir. — Mas não somos. ■

“

A música é minha religião. Tomo conta dela como um zelador: ‘Quer entrar? O que quer aqui?’

Itiberê Zwarg, maestro

“

Tudo o que quiser fazer na música ele consegue. Deus o deixou aqui e disse: ‘Vai, a música é teu caminho’

Hermeto Pascoal, multi-instrumentista